



A apologia à criminalidade nas comunidades do Orkut¹

Flávia Vasconcelos Paravidino²

Universidade Federal de Juiz de Fora – Faculdade de Comunicação Social – Programa de Educação Tutorial (MEC/Sesu)

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apontar os discursos presentes nas comunidades do Orkut que fazem apologia à criminalidade. Discutem-se as relações entre a violência concreta que acomete o Brasil atual (principalmente no que se refere ao crime organizado na cidade do Rio de Janeiro) e a violência simbólica associada à propaganda de facções criminosas através de comunidades do Orkut. Pretende-se, assim, mostrar em que pontos se distancia ou se aproxima a expansão de movimentos que referenciam criminalidade, no real e no virtual, utilizando como base as comunidades dedicadas a duas facções rivais: Comando Vermelho Rogério Lemgruber e Amigos dos Amigos.

Palavras- chave

Criminalidade; comunidades; Orkut.

1. Do social concreto às comunidades virtuais

O retrato da violência que acomete a sociedade brasileira, principalmente no que tange à população carioca e suas facções, é uma visão que nasceu local, mas logo criou raízes por outras regiões do país. A criminalidade verificada a partir da década de 80 revela-se muita mais estruturada que a vista anteriormente. O crime organizado brasileiro se alastra simultaneamente ao crescimento das favelas da cidade do Rio de Janeiro (talvez a cidade símbolo desse processo) e de todas as regiões metropolitanas do país. Comando Vermelho Rogério Lemgruber (CV- RL) de um lado, e Amigos dos Amigos(ADA), do lado oposto, são dois dos vértices da guerra entre facções que domina o cenário carioca (outros vértices são o grupo criminoso Terceiro Comando e as milícias paramilitares que combatem o tráfico, que não serão aqui abordados). As principais disputas das favelas cariocas

¹ Trabalho apresentado ao GT

² Graduanda da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET), financiado pela Secretaria de Ensino Superior (SESu/MEC), que tem como propósito integrar na graduação as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Desenvolve estudos na área de identidades, cidadania e rede digital. Endereço eletrônico: ruivavp@hotmail.com
Orientada pelo Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal. Endereço eletrônico: pabeto.figueira@uol.com.br



ocorrem, em sua maioria, com a presença desses grupos rivais.

Chegamos ao século XXI com discussões cada vez mais constantes sobre a criminalidade. Enquanto debatem-se questões como a pena de morte, redução da idade para maioridade penal, bandidos Robin Hood ou ainda a miséria como causa da violência, criminosos encontram novas formas de expandirem seus ideais e conquistarem adesão – ou a simpatia - de membros para as facções já formadas.

Nesse sentido a rede digital se coloca como mídia mais recente para a difusão e apologia à criminalidade. Alex F. T. Primo (2001), ao relacionar a física com sistemas de interação, acredita que a sociedade precisa do estado de desequilíbrio para funcionar, do contrário, se tornaria estática, o que acontece com sistemas isolados. Assim, num cenário competitivo (como é o da disputa entre as facções criminosas), a rede aparece também como terreno de batalha e como fator que proporciona o contínuo movimento às relações de equilíbrio entre as partes em disputa. Se nos morros disputa-se espaço físico à bala, na Internet travam-se disputas simbólicas pela conquista de corações e mentes.

O Orkut, rede de relacionamento virtual, é utilizado como principal ferramenta para este trabalho, devido ao fato de possuir um recurso que permite o imediato transporte de grupos do social concreto para o mundo virtual, através do que se convencionou chamar de comunidades. A identidade que se constitui a partir do momento que se está em grupo transfere-se do concreto ao virtual neste caso. As comunidades servem como forma de encontro, divulgação, adesão e ainda reforçam a rivalidade entre os grupos. Mas quais são os discursos articulados nessas comunidades? A que sentidos tais grupos pretendem se remeter quando se referem a si mesmos nestas comunidades? Apontar estes elementos é o objetivo do presente artigo.

Tomando como base duas comunidades que divulgam idéias opostas no Orkut, uma do CV-RL e outra do ADA, este trabalho pretende descrever como se efetiva a apologia à criminalidade no virtual. Essa colocação se dá também como reforço ao concreto, isto é, a criminalidade exposta no virtual complementa e interage com a existente no real, já que é fator de agregação de novos membros e de reforço dos vínculos daqueles que já lhes são próximos, o que de fato se busca nos dois planos.

2. A violência concreta



Entende-se por violência “a dominação e relação de força exercidas por um indivíduo ou grupo sobre um outro indivíduo ou grupo social”, como descreveu Denis Fleurdorge. (2006) Algumas visões sustentam que a violência não é atual e nem tem como principal causa a miséria social.

A violência não surge na história. Sempre esteve dentro dos homens. Em todas as sociedades, em todas as épocas, em todos os recantos do mundo, existem manifestações da agressividade potencial dos homens contra seus semelhantes. Os homens desde tempos imemoriais, têm a capacidade de destruir-se mutuamente por meio da violência. (Alba Zaluar, 1996, p.9)

Zaluar completa que os homens sempre tiveram meios de se entenderem através da linguagem e que, ainda assim, diz-se que “são os únicos animais que matam seus semelhantes por prazer ou orgulho”. (1996, p.9)

A violência no Brasil transita pela idéia de bandido pobre. Não há dúvidas de que ela associa-se também a questões sociais. A miséria e a desigualdade social estão fortemente relacionadas aos processos de adensamento da violência nos grandes centros urbanos. É óbvio que a questão social não é a única: a violência entranhou-se em todas as camadas da população e associá-la apenas aos pobres pode, por vezes, ser um procedimento que resvala para posições preconceituosas.

Afinal, crimes não foram criados pela população de baixa renda e muito menos são praticados somente por ela – ao contrário, os mais pobres são freqüentemente suas maiores vítimas. Não se pode esquecer que a maioria das chacinas contra menores de rua na cidade do Rio de Janeiro foi realizada por policiais ou ainda que foram jovens de classe média alta os responsáveis pelo assassinato de índios que morreram queimados enquanto dormiam.

Contudo, equívoco igualmente grave é não indicar que parte significativa do combustível para a violência decorre de processos de exclusão social. Hélio Bicudo coloca que as décadas de 60 e 80 caracterizaram-se por profundas mudanças no quadro social, exposto pelo processo de marginalização, e, por outro lado, pelo autoritarismo do Estado, que hoje podemos descrever como abuso de poder. “... afinal o que mudou - a quantidade ou a qualidade da violência, a violência em si ou a sua percepção social, o comportamento agressivo e delituoso ou o jogo político-ideológico do ‘sistema’?” (Hélio Bicudo, 1994,



p.10).

A cidade do Rio de Janeiro apresenta hoje mais de 400 favelas e, em sua maioria, são controladas por facções que coordenam o tráfico de drogas locais. Em “Abusado”, Caco Barcelos(2004) traz à tona a realidade de traficantes do morro Dona Marta. O tráfico representa a afluência econômica e mesmo a chance de inserção social para muitos moradores do morro. O dinheiro fácil que permite alguns luxos é uma forma de adquirir identidade. O comércio de drogas, ao sustentar esses luxos, traz a esperança de uma vida melhor. O bandido é, assim, visto como os antigos bandoleiros da Inglaterra que tinham em Robin Hood a figura do herói. O paradoxo é que “seu meio de vida é, de fato, seu meio de morte”(Alba Zaluar, 1996, p.101). A garantia de uma suposta qualidade de vida é também a garantia de uma morte precoce.

Mas o dono do morro não pode recuar, precisa mostrar virilidade para comprovar e manter seu poder que é constantemente ameaçado por rivais. “O bandido precisa ser mau para auto - afirmar-se: não pode hesitar diante das ações mais condenadas sob pena de ser considerado um homem emasculado, sentimental, fraco”(Alba Zaluar, 1996, p.100). A virilidade que se nota na violência concreta é demonstrada, principalmente através do porte de armas, da linguagem utilizada e também das atitudes que garantem poderio, como vingar uma traição ou ainda o envolvimento em missões.

A criminalidade, desde a década de 80, vem se expandindo através do crime organizado. O Comando Vermelho Rogério Lemgrube (CV-RL) é um exemplo. A Falange Vermelha, como era conhecido o CV-RL, foi criado nos anos 80 por encarcerados do Instituto Penal Cândido Mendes, no Rio de Janeiro - ou Caldeirão do Diabo, como era chamado. Um momento crucial para a criação da facção foi colocação de presos políticos com presos comuns.³ Com o passar dos anos, os revolucionários de esquerda, que eram considerados criminosos, transmitiram ideologias de guerrilhas revolucionárias para bandidos com quem dividiam celas.

A partir do momento em que os presos fugiam, os ensinamentos começaram a se transformar em práticas. O CV-RL instituiu um “caixa comum”, no qual era posto o dinheiro arrecadado em atitudes criminais, com o intuito de ajudar presos e reforçar o poder do Comando. Passou a ser destacada, então, a figura da criminalidade organizada que

³ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Comando_Vermelho



articulava e ainda articula cuidadosamente suas ações. O criminoso que se formou a partir daí possuía consciência de grupo e trabalhava por uma “ideologia” criada pelo movimento: as supostas bandeiras de libertação e justiça. A união reforçava o ideal e o poder do grupo se tornaria cada vez maior.

Ao divulgar as atitudes do grupo a mídia corroborou para a publicização do crime organizado. A política oficial de colocar criminosos de uma mesma facção em diferentes prisões serviu como fator de difusão das idéias que eram centradas em poucas cadeias. Há ainda a percepção de que quanto maior o número de favelas lideradas por uma facção, maior o poderio dessa facção, e conseqüentemente, maior a expansão do movimento.

Com o lema “O lado certo da vida errada”, O Comando Vermelho Rogério Lemgruber, que leva o nome de um dos fundadores, também conhecido como “bagulhão”, é hoje a organização mais poderosa da cidade do Rio de Janeiro.⁴ A sede central localiza-se no Complexo do Alemão e tem ou já teve líderes como Fernandinho Beira-Mar, Marcinho VP, Isaías do Borel, José Carlos dos Reis Encina (o “Escadinha”), entre outros.

Do lado oposto, observamos outro grupo bem estruturado e armado, os Amigos dos Amigos (ADA), o forte rival do CV-RL. Foi formado na década de 90 nas penitenciárias do Rio de Janeiro, por criminosos e policiais militares expulsos, como o Zaca. O ADA teve como um dos principais líderes o Ernaldo Pinto Medeiros, o Uê, assassinado pelo seu rival do CV-RL, Fernandinho Beira-Mar, no presídio Bangu 1. A liderança da ADA passou então, para o traficante Paulo César Silva dos Santos, o Linho. A favela da Rocinha, que possui mais de 200 mil moradores, está hoje sob controle do ADA. Uma das principais táticas - tanto do CV-RL quanto do ADA - é utilizar os moradores das favelas como forma de proteção, fazendo com que eles anunciem a entrada de invasores.

Tanto uma quanto outra facção mostram-se articuladas e operantes para o crime. . A nova face da violência brasileira continua com estigmas antigos da morte pela vida, mas busca envolver mais que isso. Carregados por uma identidade que se forma no estabelecimento do grupo, esses movimentos atuais revelam grande poderio - já que é fato que a união faz a força - e uma consciência que transborda a dimensão individual para alcançar o estabelecimento de um movimento em comunidade.

Mas a preocupação não é, nesse momento, identificar as causas que permitiram a

⁴ Disponível em: <http://www.votebrasil.com.br/seuprojeto.asp?id=30>



emergência desses grupos. Ao contrário, pretende-se aqui analisar as armas simbólicas que eles utilizam para se legitimar junto a potenciais apoiadores, por um lado, e para reforçar a identidade de seus membros, por outro. Ou seja, as respostas para nossa questão se encontram na produção discursiva desses grupos, que se manifestam nas comunidades virtuais dedicadas a eles.

3. Comunidade virtual

Para McLuhan, a cada expansão dos nossos sentidos que se traduz na origem de um novo meio de comunicação, resulta uma remodelação social adaptada a esse novo meio. Assim, o surgimento de uma nova mídia representa uma extensão de nós mesmos - “O que chamamos de ‘mecanização é uma tradução da natureza, e de nossas próprias naturezas, para formas especializadas” (McLuhan, 1964. p. 76). De certo modo, o tipo de civilização em que se vive depende de quais sejam as tecnologias de comunicação ali hegemônicas.

Hoje, a rede digital é a principal verificação dessa idéia. É impossível falar de globalização sem mencionar as novas ferramentas de comunicação disponíveis, como a internet. Pessoas de diversas partes do mundo podem estar conectadas umas às outras sem nunca terem se visto pessoalmente. Relações sociais, como amizades e namoros, se pautam na rede. A economia contemporânea foi totalmente reestruturada. Nesse cenário de comunicação mundializada, o receptor deixa de ser somente receptor para integrar a comunicação formando um sistema todos - todos.

com as mudanças sociais decorrentes da urbanização e modernização tecnológica, a proximidade geográfica deixou de ser determinante na formação das redes sociais. Para isso, as tecnologias da Internet, como listas de discussão, sites de relacionamento e programas de comunicação instantânea, facilitaram a aproximação de pessoas com idéias semelhantes, independente de sua localização geográfica. (Vanessa Reis, 2006, p.19)

Os sites de interação permitem essa aproximação entre as pessoas sem que necessariamente elas estejam conectadas ao mesmo tempo. Para Vanessa Reis(2006), as redes de computadores eliminam as inibições que as pessoas têm pelo contato físico, fazendo com que elas sejam mais iguais no ciberespaço. A rede de relacionamento Orkut é um exemplo disso.



Cada usuário possui uma página que oferece a possibilidade de se descrever através de palavras e imagens. O chamado “perfil” é a afirmação do que pessoa acha de si mesma, permitindo que ela se coloque como na verdade gostaria que os outros a vissem. Há ainda um link para fotos, recados que outros usuários do Orkut podem deixar na página de uma pessoa e recentemente um link para vídeo.

Através da rede as pessoas buscam pontos de referência para encontrar características nos outros que se adequem ao seu gosto.

O fato de escutar alguém e de falar com ele (ou mais precisamente lê-lo ou escrevê-lo) funciona a partir do pressuposto de que do outro lado existe alguém que você aceitou ‘pelo o que ele pretende ser e que você espera que lhe aceite pelo que você pretende ser’. (Dominique Crozat, 2006, p.51)

O Orkut não foge a essa idéia tendo como um ponto de referência as chamadas “comunidades”. Esta partícula de encontro da rede de relacionamentos permite aos usuários se organizarem a partir de interesses comuns, assim também acontece no real. As pessoas buscam se aproximar daquelas cujas idéias se assemelham, muitas vezes com o intuito de reforçar um ideal.

agregações de indivíduos que partilham interesses comuns, vivenciam determinados valores, gostos e afetos, privilegiam determinadas práticas de consumo, enfim, manifestam-se obedecendo a determinadas produções de sentido em espaços desterritorializados, através de processos midiáticos que se utilizam de referências globais da cultura atual. (Paulino apud Vanessa, 2003, p. 7)

Entre as comunidades que dedicam a dizer “eu amo...” e ou “eu odeio...”, pressupõe-se que as pessoas que delas participam se encontraram em um ponto de unificação. Mas mesmo que os integrantes das comunidades realmente sintam ou ajam conforme declaram na comunidade de que participam, isso possivelmente nem sempre é verdade. Vale lembrar que se tratando de rede digital, todo o veiculado possui um grau de fidedignidade dubitável.

Mas, é ignorável que ao problematizar ou mencionar um assunto e adquirir adesão a ele, como é feito nas comunidades, acaba publicizando uma idéia. Então, verdadeira ou não a adesão dos membros, ela impulsiona e dá força ao que referencia.

Ou seja, no caso específico do presente trabalho, o mais importante não é verificar se os associados às comunidades virtuais das facções criminosas são ou não membros do grupo.



O fundamental é verificar que estratégias discursivas tornaram as comunidades virtuais atrativas para pessoas que eventualmente nem mesmo vivenciam a realidade do crime organizado. Cabe aqui entender que discursos apresentados nas comunidades legitimam suas existências – e, conseqüentemente, legitimam a violência.

4. Apologia à criminalidade no meio virtual

Para analisar as construções discursivas presentes nas comunidades que fazem apologia de facções criminosas, fez-se necessária a escolha (aleatória) de duas comunidades de grupos rivais (mesmo que marcadas por posições ideológicas similares) e que fazem menção ao crime. Defendendo os preceitos do ADA, foi utilizada a comunidade “somos todos do bonde =[A.D.A]=”, com 770 membros até o momento de conclusão deste artigo. Apoiando o CV-RL está a comunidade “C.v r.L vIdA LoKa”, com 875 membros.

As estratégias utilizadas para dominar favelas (em que a intimidação cumpre um relevante papel) são replicadas no ambiente virtual. As ameaças são o ponto forte nas duas comunidades, marcadas por expressões como “metê bala”, “detonar”, “vai morrer” ou ainda menção a armas como o fuzil AK. Ao fazerem ameaças aos grupos rivais dentro de sua comunidade e não na comunidade da facção oposta, os membros tendem a demonstrar bravura para seus aliados virtuais como forma de provarem na comunidade que compartilham os ideais da facção e, portanto, são dignos de pertencer a ela também no meio virtual.

Caco Barcelos apresenta, a cada início de capítulo de seu livro, um trecho de funk, porque além de fazer menção às armas, como é o caso do “funk do proibidão”, o funk é um dos ritmos predominantes nas favelas cariocas. No meio virtual não acontece diferente. Letras de funks que retratam violência também são figurativas nas duas comunidades.

A religiosidade dos criminosos também é colocada por Caco Barcelos. O líder do morro Dona Marta agradecia a Deus freqüentemente por mais um dia de vida e afirmava ser umbandista. No Orkut, muitos membros das comunidades retratadas também declaram sua religiosidade. Um membro do CV-RL, por exemplo, que deixou o recado na comunidade “..bala nessa adelaide..”, diz-se ser apaixonado por Deus e pela vida. As duas afirmações – antinômicas e opostas – convivem na produção discursiva da comunidade



como se fossem complementares.

Nas comunidades, a oração apresentada pelas duas facções é a mesma:

ADA (ou CV - RL) , é a gente q estais na atividade. Carregada esteja minha arma, vem a nós, comprar nosso remédio (ou erva), seja feito vosso baseado. Assim na favela como no asfalto. O malote nosso de cada dia, nos daí hoje. Perdoai nossos amigos, assim como nós perdoamos aqueles que são braços. Não nos deixeis sem sua contensão, mas livrai-nos dos X-9(ou ainda, livrainos dos alemão). Amem!!!

A rivalidade entre as facções também se potencializa no âmbito virtual, através de tópicos nas comunidades que reforçam os estigmas de contraposição à facção rival. Enquanto os membros do CV-RL retratam os membros de outras facções como “três cú”, numa alusão ao Terceiro Comando, os membros do ADA denominam os membros do CV-RL de “cú vermelhos”. Criar novos sentidos para as siglas das facções pode ser considerada uma forma diferente, mas não amena, de evidenciar a rivalidade através de escolhas semânticas nas brincadeiras que evidenciam a violência sexual, como: “Amigos Dementes Arrombados”(criado por um membro do CV-RL) ou ainda “Cú Vermelho Recheado de Lingüiça”(criado por um membro do ADA).

Em um dos tópicos na comunidade do ADA, um integrante do CV-RL posta a frase “cheiro de Uê queimado é o Beira Mar cúzoos”. A frase refere-se ao antigo líder do ADA, Uê, que foi incendiado por Fernadinho Beira-Mar. Dessa forma, os membros postam provocações nas comunidades dos grupos opostos também. Existe ainda outro tópico que pede vingança pela morte do ex-líder da ADA. Ao mencionar Uê, os usuários das comunidades reconstroem narrativas (já que poucos sabem efetivamente o que ocorre nos subterrâneos do crime) que justificam a demonização do adversário. Na verdade, cria-se uma mitologia que é utilizada para legitimar uma auto-percepção positiva – ou seja, que o membro pertence ao grupo que representa o “lado bom” da disputa, enquanto os adversários são os “maus”.

A dureza dos bandidos reais, colocada anteriormente na descrição da violência concreta, não deixa de existir na rede. Em “Abusado”, quando “Juliano VP” é traído por uma de suas namoradas, a comunidade da favela espera que ele, um grande bandido, se vingue da mulher adúltera como prova de sua dureza. Enquanto no real as demonstrações de violência, como a vingança, juntamente com o porte de armas, são representativos



significantes de valentia, as expressões de linguagem determinam a virilidade nas comunidades virtuais.

O uso de palavrões é sistemático nas comunidades. Aliam-se aos xingamentos as gírias características de criminosos - “to mandando esse papo”, “se tentar brotar” ou ainda “ta ligado”. Como fotos e vídeos não são permitidos em comunidades, apenas na página do Orkut de cada usuário, as estruturas textuais precisam ser ainda mais grosseiras ou incisivas para reforçar as idéias de dureza e determinação férrea.

A opção pelos nomes em código – certamente herança dos hábitos do crime organizado, que se esforça para ocultar suas atividades – manifesta-se não apenas nas próprias denominações das facções, ADA e CV-RL, mas também no predomínio das abreviações. Ao escrever uma carta aos integrantes do Comando Vermelho, “Juliano VP”(Abusado, p.521) encerra da seguinte forma: “R.L.O.J.P.J.L.C.V.S.T.M. JULIANO”(Rogério Lengruber- Orlando Jogador – Paz-Justiça – Liberdade - Comando Vermelho - Santa Marta).

Nas comunidades do Orkut, líderes e armas são referenciados também por códigos e abreviações. Aqueles que sabem o significado das siglas demonstram-se mais entendidos sobre as facções. Membros que não sabem o significado dessas abreviações optam por tirar suas dúvidas fazendo perguntas como usuário anônimo, na certeza de que receberão críticas de outros da mesma comunidade. Este foi o caso da comunidade do ADA, quando perguntaram “o que significa fazer o L?” (O L refere-se ao líder do ADA, Linho) e também da comunidade do CV-RL, ao perguntarem “o que significa RL?”.

Várias foram as respostas de desprezo às respectivas pessoas que fizeram as perguntas. Mesmo que um usuário já tenha respondido, outros insistem em continuar respondendo como demonstração de conhecimento, de que sabem o significado porque são de fato membros das facções, mesmo que isso talvez se limite ao meio virtual.

Um dos principais objetivos do criador de uma comunidade qualquer é conseguir que outros usuários do Orkut se tornem membros de sua comunidade. Para as comunidades do CV-RL e ADA, conseguirem novos membros representa mais que adesão à comunidade, mas principalmente, adesão ao movimento de cada facção, englobando suas ideologias e práticas. Para tanto, são postados tópicos, como “precisamos de força” ou somente “força”, nas respectivas comunidades abordando a necessidade de expandir o movimento.



Os integrantes solicitam uns aos outros que divulguem a comunidade. Há ainda quem peça para formarem liderança em suas cidades, fazerem camisetas e conquistarem novos aliados (ADA). Os membros também viabilizam outros contatos entre eles, como e-mail, e ainda expõem as regiões que são controladas por cada facção. Quando cada integrante menciona de onde está escrevendo, acaba por reconhecer novos espaços em que as facções se articulam.

A propagação das idéias em muito se dá pela conquista de novos membros em particular, quando um membro indica uma comunidade ao outro, por exemplo. Não só isso, o fator curiosidade também é relevante neste ponto. Algumas pessoas freqüentam o Orkut de outras e visualizam as comunidades às quais pertencem. Quando alguém responde a um tópico na comunidade, por se expor, está mais propenso a ter seu Orkut visualizado por outro, do que aquele que apenas participa da comunidade. Existem também aqueles que, ao responderem os tópicos, colocam *links* que remetem a outras comunidades que referenciam o crime.

A adesão de novos membros revela-se como uma conquista de um conjunto de fatores que cercam as pessoas a fim de levá-las a conhecer ou entender a realidade do crime. Esses fatores vão desde exposição da violência concreta pela mídia ou pela própria experiência até a legitimação dessa violência através dos discursos apelativos colocados nas comunidades virtuais.

5. Conclusão

A busca pela adesão de novos membros na violência concreta com o intuito de garantir maior poderio transfere-se para o virtual de forma que até pessoas que nunca vivenciaram a realidade do crime sentem-se atraídas a pertencer a uma dessas comunidades da rede. É importante colocar que a maior parcela de pessoas que têm acesso à internet é de classe média e que, portanto, não compartilha do cotidiano das favelas brasileiras. Assim, a questão mais importante é: o que as leva participar de tais comunidades? Que motivos explicariam isso? A resposta talvez precise incluir fatores articulados pelo social concreto e pela realidade da produção simbólica contemporânea, potencializada pela própria rede. A procura pela identidade pode ser um desses fatores.

Bauman (2003) coloca que identidade remete a “ser diferente”.



E no entanto a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos.(Bauman, 2003, p.21)

Nesse sentido, a comunidade se verifica como ponto de encontro para o extravasamento das fraquezas e fomento à partilha de sentimentos comuns. No contexto da violência atual que se encontra entranhada na sociedade, buscar uma comunidade constitui-se uma forma de apoio ou ainda segurança – a adesão, mesmo que virtual, às facções criminosas provavelmente atende a essa demanda de auto-proteção propiciada pelo pertencimento a um grupo, num cenário em que a violência generalizada se instalou.

Pertencer à comunidade virtual de uma facção significa rivalizar com a facção oposta, mas principalmente, ter o apoio da facção que defende. Dessa forma, estar de um dos lados, por defesa própria ou não, faz com que a violência seja uma forma de viver e de inserir-se socialmente.

Os discursos expostos nas comunidades reforçam a atração a novos membros. Os estigmas da violência concreta alcançam o virtual através das ameaças, das gírias e palavrões. Enquanto no primeiro plano as armas, o tráfico de drogas e a intimidação compõem a violência, o segundo plano surge como forma de sustentar o primeiro e fazer com que a violência tome a dimensão de legitimidade. O que se nota então é um processo de violência simbólica que legitima a violência concreta.

Instigar pessoas que não conhecem a realidade da criminalidade a fazerem apologia à mesma, no meio virtual, pressupõe que a violência, por todos os meios que transita, tornou-se banal ao ponto de possuir fundamento. A publicização da adesão a esses grupos – que deveria ser temerária – torna-se não apenas usual, mas cumpre funções de formação identitária. E, quando as identidades centram-se e estruturam-se a partir da legitimação simbólica violência, isso deve ser revelador do quanto a sociedade habitou-se com a violência concreta.

Referências Bibliográficas

BARCELLOS, Caco. *Abusado: O Dono do Morro Dona Marta*. 12ªed.- Rio de Janeiro:Record,



2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

CROZAT, Dominique. Violência nos espaços hiper-reais. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**: revista da Faculdade de Comunicação Social PUCRS, Porto Alegre, Ed. PUCRS, n.29, p.45-56, abril 2006.

FLEUDORGE, Denis. Os jogos multidimensionais das ritualizações sociais na expressão das violências políticas. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**: revista da Faculdade de Comunicação Social PUCRS, Porto Alegre, Ed. PUCRS, n.29, p.57-69, abril 2006.

HÉLIO, Bicudo. *Violência: O Brasil cruel e sem maquiagem*. São Paulo: Moderna, 1994 (Coleção Polêmica)

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.

PRIMO, Alex. Sistemas de Ineração. **Comunicação na Cibercultura**: revista da Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo, Ed. UNISINOS, n.3, p.127-147, outono 2001.

REIS, Vanessa. *No retrato virtual que me faço/Comunicação instantânea e identidade na internet*. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

ZALUAR, Alba. *Da revolta ao crime S/A*. São Paulo: Moderna, 1996- (Coleção polêmica)

Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Comando_Vermelho
Acessado em: 10/02/07.

Disponível em: <http://www.votebrasil.com.br/seuprojeto.asp?id=30>
Acessado em: 10/02/07.